

## Livrão de Ednilo Soárez

José Costa Matos

*Miscigenação nos Trópicos (Tristeza ou Alegria?)*. O estudo do livro de Ednilo Soárez tem duas linhas de abordagem. Bem definidas já no título da obra. Quem começar pela análise da tristeza e da alegria terá também dois caminhos. Poderá partir do enigma da Árvore da Alegria, mostrado no Gênese, primeiro livro do Pentateuco, de Moisés. Lá onde atuam Adão e Eva. E onde a tristeza entra com violência, na morte de Abel, pelo irmão Caim.

Já no tempo de todos nós, lerá Alceu Amoroso Lima: “Não vivemos para sofrer, mas para superar o sofrimento. É a nossa própria condição de viver perigosamente, como dizia Nietzsche.”

O pensador brasileiro penetra fundo na natureza humana: “Não temos o direito à alegria, mas o dever da alegria.” E aqui uma surpresa. Encontramos esse dever também em Jorge Luís Borges, no poema *Remordimiento*: “Cometi o pior dos pecados/que um homem possa cometer:/não fui feliz.”

Nestas citações, um fato espantoso. Dois dos mais altos espíritos do século XX se encontram para afirmar: tristeza é pecado.

A lembrança de Paulo Prado é inevitável quando se pensa em tristeza brasileira. Pesam também os remorsos cristãos sobre a sexualidade sem freios com índias e negras. Segundo Barlaeus, no século XVI, inventou-se na Europa o princípio pacificador de consciências: Além da linha do equador (na América do Sul) não se peca. É belíssima a expressão latina dessa ética de largas cavilações. Poucas vezes ela é citada corretamente. Mas ela está latinamente correta na citação de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda...

Outra restrição à força da sexualidade vem de Galeno, grande médico grego: “Triste est omne animal post coitum, praeter mulierem gallumque.” Todo animal fica triste depois do coito, exceto a mulher e o galo.

Outra linha de abordagem do livro de Ednilo Soárez é o próprio caldeamento de raças no Brasil. A obra aciona o cinema de situações

do caldeamento. E o leitor recria tudo. Estica mesmo o que, em Ednilo, já são pontos de partida de viagens na História.

O leitor vê. A dança dos pendões de cana das rapaduragens e açúcares de Pernambuco. Reza diante da brancura dos algodoais do Maranhão e do Seridó. Ao lado do meio santo Bartolomeu de Las Casas, vibra contra a escravização dos índios, tão favorecidos no Peru, por Paulo III, papa. Caleja as mãos na escavação dos ouros celebrados nos romances de Paulo Setúbal. Ilude-se na procura das esmeraldas, que mentiram verde na maleita do grupo de Fernão Dias Pais Leme. Sonha em vão com Sabaraboçu, montanha de prata de Belchior Dias Moréia. Declama “O Navio Negroiro” de Castro Alves. No Ceará, alia-se ao Dragão do Mar, pela liberdade dos escravos africanos.

Onde não houve o caldeamento de raças?

As moças de descendência alemã lourejam em todos os espigões da Serra Gaúcha. E como, em Nova Petrópolis! Aí também a arquitetura germânica tem presença fortíssima, no convívio com os pinhais de araucárias. Foi por aí que Vianna Moog se inspirou para escrever seu livro *Um Rio Imita o Reno*.

Em Gramado e Canelas, as churrascarias falam da presença italiana no caldeamento, ali onde se toma chimarrão, mas se dança a tarantela. Onde não houve o caldeamento de raças...

Ednilo Soárez aponta uma quase exceção: “Os holandeses... permaneceram cerca de quarenta anos em Pernambuco. A integração racial e cultural desse povo com os nativos foi quase nula. A aspereza da língua, a sobriedade e a severidade da religião protestante dificultaram a miscigenação e o contato com as culturas.”

*Miscigenação nos Trópicos (Tristeza ou Alegria?)*. Ednilo Soárez põe o dilema e de que lado fica? Ora, o autor é cristão. Conhece a lógica do individualismo, exposta na poesia de John A. Joyce: “Ria e o mundo ri com você; chore e você chora sozinho.”

Livrão de Ednilo Soárez. Livrão certamente vitorioso no avanço dos campeonatos da estranheza...